

1930 — 1940

SATANÁS

Poema profético

BASEADO NUM SONHO TIDO EM MCMXXII

POR

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

— (NATURAL DE YTÚ, PROVÍNCIA DE SÃO PAULO) —

ESCRITO EM MARÇO DE 1924

CIDADE DE SÃO PAULO

1932

AS

DEDICATÓRIA

Aos Patrianovistas, aos Frentenegrinos e a todos os nacionalistas integrais que aspiram, para o Brasil, a uma ORDEM NOVA crista, contra o imperialismo estrangeiro intelectual, económico (isto é, financeiro industrial comercial) e político. — ordem essa anti-cosmopolita, anti-maçónica, anti-liberal, anti-democrática, anti-parlamentar e anti-partidarista, dedica os versos que seguem

o Autor

7-8-932.

Arindo Teiga Assunto,
1932

"... Oprimido, todavia, por muitos gêneros de violências, esmagado debaixo dos pés dos grandes que lutavam, (o povo) descrevera por fim da pátria, tornando-se indiferente e covarde, pres-tes a sacrificar a sua existência coléctiva à paz individual e doméstica".

Alexandre Herculano. "Eurico"

..
" (Os virtuosos) não perceberiam como, tranqüila a consciência e repousada a vida, um coração pode devorar-se a si próprio, e os maus não criam que o sacerdote.... curasse dos males e crimes que roíam o império moribundo dos visigodos; não criam que tivesse um verbo de cólera para amaldiçoar os homens aquele que ensinava o perdão e o amor. Era por isso que o poeta escondia as suas terríveis inspirações... Numa sociedade corrupta em que a virtude era egoísta e o vício incrédulo, ninguém o escutaria, ou, antes, ninguém o entenderia."


ibidem

..
"A DESCIDA DE DEUS SOBRE AS CRIATURAS PELA SANTIFICAÇÃO INDIVIDUAL, ESSA SIM É QUE MULTIPLICA OS ESCOLHIDOS E OPERA A SALVAÇÃO DOS POVOS".

MONESTES

..
"Muitas vezes nós admiramos, e horrorizamos ao ver que tudo em nossa sociedade está laicizado: governo, cargos públicos, administração, e tudo o mais..... A responsabilidade d'êste estado de coisas recai sobre muitos. Mas uma grande parte pesa sobre nós, os cristãos, os bons cristãos, que, possuído tesouros magníficos, nos esquecemos de os aproveitar, ou de os explorar".

P. Plus. "Deus em Nós".



Poëma Profético

DE

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

BASEADO NUM SONHO TIDO EM 1922

ACONTECIMENTOS DE 1930-1940

! GLORIA À SANTÍSSIMA TRINDADE !

INTRODUÇÃO

da Raça

A palavra ~~da Raça~~ é palavra de guerra:
Urre lá encima o céu! freme cá embaixo a terra!

Perdoai se brada em mim o furor dos guerreiros,
pois foi êsse o condão dos veros Brasileiros!...

LUSO aprendeu do mar; o TUPÍ — das cascatas;
e o NEGRO — do deserto e as ardências ingratas
dos sôes loucos, bravios.

Somos sâmulas, pois, de três grandes Gigantes,
e renegados são os que, de tais atlantes
que alçaram nossa PATRIA em seus ombros possantes
um só Sangue desprezam...

Urre lá encima o céu! mova as legiões da terra!
Rufem alto os uays, aos clangores da guerra!...

Ruja poëmas de fogo a bênção do Cruzeiro
e erga os brios viris do POVO BRASILEIRO!

O Poeta devaneia em retórica vazia. Nesse interim desaba formidável tempestade que o acordá dos devaneios mas não consegue apagar-lhe a profunda calma.

Febre! estupor! delírio! Eu cismava profundo,
vindo, de quando em quando, assomar-me, jucundo,
no rosto o riso alvar do desprezo das cousas
que caminham fatais à podridão das louças.

Em cima, o céu trevoso; embaixo, a terra escura;
dentro de mim, um quê de turgida nevrura,
como o inferno que, embora esbraseado em fogo,
não tem luz, não tem sol clareando o eterno jôgo.

Que universo esquisito!... E que mundo engraçado,
máxime quando eu vou neste oceano espraiado
destas cogitações, meditações de louco,
sistemas devassando e vãs filosofias,
insensíveis Zênões e Epicuros sensuais
assim qual nosso povo, a *alta sociedade*,
na alta devassidão dos lindos carnavais...
filosofias vãs, luciférea vaidade,
a que, aliás, com desdém presto ouvido tão monco
porque me basta a mim da que sei como vias
da verdade suprema.

Oh! houvesse mar aqui com seus grandes arcanos
na explosão do furor desfazendo em espuma
as tras satânicas dos rancos sobrehumanos
que ensinam o cambiar das idéias que a bruma
da vaidade geral, caliginosa e bruta,
tempesteia sem fim nos sopros-do-Infinito!
Sopros em que não cessa aquela lava hirsuta
que lambe com nervor, num lucubrar maldito,
a causa do que existe, a verdade do oculto
que sarcasmeja sempre os risos estridentes
do orgulho do profundo e as cousas, encoberitas,
no mistério do ser que assombra o engenho adulto!

Sopros! — homens brutais forjando obras odiáveis
com a força boçal de engenhos formidáveis!

Quando eu tento, entretanto, a penetrar tão trépido
na visão interior do meu engano lépido,
rompem raios do céu, bramidos de trovões,
parecendo surgir do peito dos vulcões.

Mais treva! e, a ciclopear vulcânicas faíscas,
o crâneo do infinito, o pensador eterno,
vomitou concepções satânicas do inferno,
— horror, terror, pavor, de vibrações ariscas.

Fremi, tremi... sorri!... É a mente dos gigantes
que souberam pensar, formidandos atlantes
de todas gerações de Vergílios e Dantes
estragando dos céus no cavo bojo altissono!

São Aquinos, Camões, rebombos junqueiranos,
Agostinhos, Bossuets, Barbosas, Tertulianos,
são berros de criações de Shakespeares e Eças,
de Cervantes e Goethe e outros vulcões humanos,
de lóguis em frênesis, faquires de encanto horrisono,
de férreos Napoleões, Alexandres, com essas
mentes loucas troando idéias de Lenines,
que, na sublime voz dos infernais estrondos,
bramam, nivam ferais nos espaços redondos.

Abre-se um profundo abismo, repentino, nos pés do Poeta. Manifesta-se-lhe espantosamente, no abismo que penetrava longe ao mais profundo da terra, um Fantasma.

E continuei a rir... « Não me amedrontam berros
« Neste tempo em que a mão gólfia arsenais de ferros
« da boca dos canhões,
« imitando os vulcões, parodiando o mar ».
Aguardei, pois, que o céu despejasse as torrentes,
granadas de estridor, de raias resplendentes,
quando, súbito, vi tudo a luz sublimar:

Clareou-se, de ante mim, uma estrada medonha
que, a sair dos meus pés, sumia, apoteótica,
nos abismos finais, lá na região despótica,
atra, leia, de dor, praguejenta, caótica,
onde passeia horrendo, em torturas, tristonha,
Francisca de Rimini, e onde Nero e os bandidos,
os ímpios, os cruéis, devassos, fermentidos,
usurários sem lei, criadores de milhões,
ladrões de quem produz e ladrões de nações,
os maus juizes, maus reis, maus papas, maus letrados,
se estorcem no rigor dos suplícios doídos,
rangendo os dentes, blasfemando desperados.

E, na deslumbração do inesperado encontro,
gelou-se o corpo meu... não ri mais... olhei firme
depois de espreguiçar-me e os olhos premer tanto
para a estranha visão dos passos meus fugir-me.

Em-vão. Coleiam no ar, colubrinos, dragónicos,
como num provocar de motejos sardónicos,
como num chacotear de gargalhos trónicos,
serpentinicos fusilos.
Meus receios então, não pude mais fugi-los,
e, gelado, crispando as mãos com gestos frigidíssimos,
alucinado, eu parecia ficar louco...
E caí sem sentidos.

Bem pudera pensar a tentação sumida.
Mas, eis que o estado bom que o Céu criou para o homem
quando má conclusão pudessem dar os casos,
tê a êle pra mim os deliquios consomem.

Pois, no mesmo lugar em que cai esvaído
no vapor serenal do esquecimento inteiro,
sinto que continúa a odisséia do doído
sucesso que atterrou meu coração banzeiro.
Assim mesmo, senti que fui alevantado
pela amparante mão de atencioso FANTASMA
lucífero, risonho, atraente, apiedado,
que, mavioso e tão bom, me anima, me entusiasma
co' a magia da voz, de tom abemolado.

Era lindo, e nimbado. Os cabelos castanhos,
encachados, tão bem lhe caíam no peito.
Sua luz era viva. E, com dotes tamanhos,
nem por isso o temor se me passou desfeito.

III

O Fantasma trata o Poeta com amor e revela-se Filho de Deus que vem diretamente reformar o mundo. O Poeta toma a oportunidade para dizer umas distribes contra todo o mundo.

« Quê temes ? !
« Sou Herôe dos herôes que a terra chora e canta !
« Venho com outro fim, com missão que te espanta ! ...
« Quê temes ? — Sou Jesus, Aquele que, num dia,
« os Filhos d'Israel — a negreganda Peste
« que hoje, com poderio, a todo o mundo investe —
« consentiram soffresse a rispida agonia ;
« Aquele que — depois de haver enchido os montes
« com a doutrina nã dos principios eternos
« e indicar da Reação os belos horizontes ...
« depois de haver sarado os que a doença corroera
« e corroído o mal dos que gemiam doentes ...
« após fazer o cego enxergar que correra
« o aleijado, e o que é mudo em acentos tão ternos
« falar aos que a surdez trazia penitentes,
« — na Cruz padeceu morte, e morte ignominiosa ! ... »

— Jesus ! ... — então falei, e êle sorriu bondoso
e com o index da dextra apontou, flamejante,
o céu que serenou ; e o meu peito calmoso
extasiado ficou e, de ventura, arfante.

E Ele pôs-se a falar, com os olhos no céu :

« REDENÇÃO ! REDENÇÃO ! ... TU SERÁS MEU DISCÍPULO.
EU VIM FUNDAR NA TERRA UM CRISTÃO «BOLCHEVISMO» (x)
DENTRO DA LUZ TRIUNFAL, QUE É DO CATOLICISMO.

Segue-me ! vêm ! Sé bom ! Vamos andar ao léu.
Corrompeu-se o meu povo, a seara não progride.
Quero que cada qual ombreie o seu manipulo
das boas-obras, da Fé, da Paz do Santo Deus.

(x) O autor usou dessa palavra significando uma ordem-coisa anti-burguesa e anti-capitalista que é hoje pregada pelo PATRIANOVISMO IMPERIAL BRASILEIRO. Perdôe-se a impropriedade do termo. Conservamos a expressão empregada quando escrevemos o poema, em março de 1924, antes do advento da filosofia Patrianovista, de cuja política transcrevemos os postulados no fim deste folheto.

« Vamos de-novo lá, com o látego fero,
mostrar como o Deus bom também é o Deus severo,
castigar com rigor todo o mau que transgride
o Mandamento eterno, os mandamentos meus.

« Vamos lançar na rua os vendilhões dos templos,
vamos fazer um templo em cada lupanar !
Vamos prègar amor na palavra e os exemplos,
em cada peito nobre um Cristo replantar !
Queimaremos co archote, o facho da verdade,
o arranha-céu do êrro, os trianons do mal.

« Vamos acender guerra onde a paz é cobarde,
Vamos prègar o justo onde ha só falsidade,
e, levando inda além a reação com alarde,
em cada aldeia humilde implantar um jornal ! »

— « Assim seja ! — eu clamei. — Dai-me força e coragem,
e armar-me-eis depressa um forte bandeirante,
como os velhos herôes da Urbe em que nasci.
E o justo não dará ao falso a vassalagem,
e eu que sou um pigmeu hei-de ficar gigante,
eu que guaxuma sou hei-de ser buriti.

« Já tentei, já lutei, me consumi nas cismas,
o problema encarei por todos vários prismas,
mas apoio não tive em meio dos irmãos.
Bem dissestes outrora a verdade tão justa
de que o filho da treva, em seus negocios vãos,
tem visão de trabalho, e mais firme e robusta
que êsses « filhos do Céu » vivendo a se queixar,
êsses filhos da luz que não sabem lutar.

« Quando prèguei amor, riram dos meus projetos ;
quando falei « Lutar ! », tiveram medo à luta ;
quando bramei com raiva « O cobardes ! », dos tetos
saraivaram em mim, numa loucura bruta,
insultos, valas vãs, de insanos imbecis.
Uns, com desdém soberbo, opuseram mesquinhos
os despeitos ferais dos risos escarninhos ...
No entanto, glória minha eu não busquei, nem quis.

« Onde está vossa fé, — eu disse — fermentidos,
se não tendes ação maior do que os partidos ?
Onde está vossa fé ? ...
Preconceitos guardais em vosso coração,
desprezando o que manda a própria Religião !
Dizei-me, homens de luz, a vossa fé qual é :
da missa de defunto e do tocheiro lãno ?

« Exmugados sercis por valentes rivais,
pela voz, pela ação, e a força dos jornais
que, se não prestam mais pra fazer construção,
bem sabem propagar êrro e dissolução,
como vêdes se dá com nossa juventude
que tende para o vicio e abandona a virtude.

« Viveis sonsos debalde em tristes compromissos
e em tudo que é dever andais pra sempre omisso.

« Invalidos! em-vão caminhará dispersos,
se o globo não formais cos batalhões diversos.
? Sois progénie de heróis?!
Inertes! declamai quando luta o inimigo,
e a Cruz, a própria Cruz, será vosso castigo!... »

« Bem fizeste, meu filho, — o Jesus continuou —
Porém, nesse marchar com que este mundo vai,
nunca por ser modesto alguém fruto lucrou...
sejas louco, atrevido, ou negro, ou quanto sai,
mostra o engenho que eu dei, e o intrépido valor,
para aos tregos irmãos o que dizes se impor
não por ti, mas, bem vês, pela missão do Pai ».

Refocilado assim com animações tantas,
continuei despejando as minhas iras santas:

IV

O Poeta continúa a dizer as suas liberdades. Começa a missão do Aparecido. Crescem os adeptos pelo caminho. Entre eles aparecem as vítimas da situação criminoso política que espalham o terrorismo.

« Indignado fiquei, e tive doudas ganas
de bandejar para além, apóstata ficar,
porque assim mostraria às falanges profanas
o modo de vencer, como é saber lutar.

« Quê diriam, então, esses nulos pedantes
sem ânimo, sem fé, de empáfia transbordantes?!

« BIASONAM de cristãos: vejo-os só gozadores,
e em toda a hipocrisia indicam-se doutores.

« Se os bons escrevem bem as palavras dos santos,
eles, em vez de ler os livros bons, que há tantos,
vão buscar na leitura os tremedais impuros
sem mérito que seja ou literário, ou doutro,
com despalante odioso, abjeto e pervicaz,
pois fanático é o bom; o justo é ultramontano...
Vê, Jesus, não é isto o eterno SATANAS?!... »

Quando ouviu "Satanás", minha visão tremeu...
Eu, porém, costumado ao satanismo térreo
que me fez de um vigor de bronze, e duro, e férreo,
quási quis rir de mim, dêste esquisito meu.

« Sim! é tal — continuei — o certo é desprezado,
o bom é combatido em falas e jornais.
Escreve algo de bom um justo abalisado, —
faz-lhe a crítica um zero, um pedante e não mais!

« A infâmia é cortejada, à virtude se odeia.
Daí é que nos vem a enorme decadência,
daí é que se aumenta a estulta incompetência
que pontifica em leis e usurpa a excelstude.

emquanto, por sua vez, todo o valor rareia,
Boicoton-se à virtude.
Fazem leis contra o bem.
Publicam-se (oh Catão!) as coisas de bordéis,
que inda corrompem mais que os baixos ouropéis
dos prevaricadores;
e grita-se na imprensa: — Oh! lêde, são as flôres
que indicam o sentir da ALMA NACIONAL.
E muito povo leu!... Do bem há desertores,
reina em todo lugar despotamente o mal!"

« Vamos! — disse Jesus — Chamemos no caminho
todo aquele a quem reste a mansidão de arminho ».

E saímos cantando os louvores do Pai,
da Virgem que foi Mãe e dos que hoje são Santos
porque foram heróis no combate e de prantos
regaram o terreno em que até o justo cai.

— Sim! vamos converter — eu disse — essa gentilha,
vamos chamar os bons, vamos ver se a capalha
desiste do seu mal, desiste de Satã:
"nossa" Constituição serviu-lhe de mortalha
feita na Constituinte — a impia barregã.

Formemos as legiões dos grãos batalhadores,
e das rochas do Incrêu veremos brotar flôres;
sacerdotes vereis todos anjos... cristãs
as cabanas do humilde e as granjas cortesãs.

E, no nosso caminho, as adesões cresceram,
mas de todos os tons; uns queriam a guerra
que enchesse de sangueira a vastidão da Terra...

Prêgávamos o amor.
Amavam-nos os que, por todas as estradas,
vinham ouvir a voz das campanas sagradas.
A todos se anunciava a aproximada dor.
Fez-se em todos jornais um voto de silêncio,
sobre o que se dizia à nossa multidão.
Veio a revolução...

1930
Sem querermos, então, surgiram terroristas,
que tinham padecido e chorado demais
nos tempos da Miséria; e seguíam as pistas
dos maus, tendo nas mãos coléricos punhais.

Tentávamos conter... e eu via em sua chança
a vindicta do Céu, a divinal vingança.

« Vêde! Vêde, fiéis! — dizia-nos Jesus —
E' assim que Deus castiga! Essas mãos criminosas
quem as armou? A inteligência em que reluz
a doutrina sem base, — as lavas perniciosas
que a governança impôs por odiar a luz.
Não depende de nós! Chamemo-los, porém,
porque, se fazem tal, razão quási eles têm,
os pobres transviados... »

Viu-se crime, afinal, em nossa pregação!
 No meio colossal de uma enorme contenda
 envolveu-se, sem pena, a própria Religião
 nas malhas infelizes de atroz perseguição.
 Vi os cristos de Deus partindo para o exílio...
 Vivi vários motins, vi outros pela senda...
 Troaram os canhões pelas bandas do Sul...
 Ouvi mães a chorar no Nordeste e no Norte...
 Senti por toda parte os odores da morte.
 Vi fogos e um fragor que vinham do Oriente...

Que Deus livre o Brasil das fúrias de tudo isto,
 e que louvada seja a mansidão de Cristo!

V

Política... O Negro. A morte definitiva da república...

E tudo se tornou numa disputa infinda
 que inda agora me assombra, ao recordar-me ainda.

Havíamos destruído o vil exteriorismo,
 dos semi-cultos maus esse analfabetismo
 que era, pra todos nós, das causas do incivismo.

Espalhámos com teima a Luz da Redenção,
 cultivando o intelecto e alçando o coração.

Matámos, pelo estudo, o espirito liberal
 preparando à Nação o seu regime ideal.

Escolas a granel, cursos de jornalistas
 criámos, ao futuro aderecendo as vistas
 com escândalo e horror dos vãos imediatistas.

Ligámos em legiões os homens do trabalho,
 desde o mais superior ao artista do malho.

Fomentámos da Raça a homogeneidade,
 para não causar dano à Nacionalidade

e expulsámos sem dó, na higiene nacional,
 toda a fama peor que era internacional.

Pra *hem* dama fração da Pátria Brasileira
 vimos que se lesava a nossa Pátria inteira;
 protestámos sem medo e opusemos barreira;
 não consentimos, pois, nas tramas sem critério
 que põem sangues de além nas províncias do «império».

Foi então que se ergueu, tremendo, a Negra Gente,
 cheia de patriotismo e cólera candente,
 a comiciar na praça
 afim de definir a Brasileira Raça:
 «Senhores! vinde ouvir o brado verdadeiro
 contra os feitores mil da nova escravidão...

É mister completar a velha abolição,
 mostrar que no Brasil o Brasileiro é rei.
 Cumpre mostrar, provar, indo sem ser ouvidos,
 (contra ignaros, infelizes, ingênuos e bandidos),
 que o Sangue da legião que sofreu cativo
 corre em maior porção no SANGUE BRASILEIRO
 de brancos e outros mais... Estamos definidos!!!
 Nem arianos, nem nada!... O nosso SANGUE forte
 é do Negro, o Tupi e a Lusitana coorte,
 pôsto que a vil traição teime em querer-lhe a morte!...

Era um caos preparando as horas atuais.
 Discutiam na rua artigos de jornais,
 atos de governante e ações de marechais.
 Nova perseguição: era a politicagem
 medrosa, para quem a verdade é voragem.

Mas esta voz clamava em cada coração:
 — Inda que a «liberdade» assalte em teus santuários
 os filhos da verdade e os ponha na prisão,
 ó JUSTIÇA, és só tu, tu que as nações constróis.
 E, às vezes, a cadeia encerra os visionários
 que hoje bandidos são
 e o futuro, sem medo, há-de chamar de heróis.

Compreendendo este verbo,
 o povo não temia ameaças draconianas
 e as mil leis a partir das alforjas tiranas
 que do «Oculto» obtêm o seu mandato acerbo...

«Este povo é melhor que aqueles que o governam!
 — disse um dia o Senhor —
 Deve ele hoje assumir o lugar de Israel
 e a palavra sagrada a todo o orbe expor,
 pois que chega bem perto o momento revel
 em que vai padecer toda esta Humanidade.
 Este é o Povo da Cruz com o irmão de além-mar
 que deve todo o mundo a seu tempo salvar».

O Povo, reunido em uma praça imensa
 na cidade BRASIL, que, gloriosa e extensa,
 é a linda capital da gloriosa Nação,
 rugiu como um leão.

Mas, sem sermos governo, a ação não ia além,
 nem podia fazer-se o mais completo bem.
 Havia paz, a paz prenunciadora...

Liberal-democrática,
 a autoridade, para ser simpática,
 e para dar ao povo o ópio libertário,
 inventou eleições para ver quem seria
 o governo que o povo escolheria...

Porém, chicanas houve em suas eleições
 e ergueram-se com ódio as loucas multidões
 para escrever, por linhas tortas,

a sentença de Deus para as doutrinas mortas...
E, esse dia, luziu a formidável chama,
quando quasi triunfante o lídimo programa:

«Destrua-se a legião dos prevaricadores!
Fuja albente no céu a estrela da Justiça!
Dêmos aos gaviões, famintos voadores,
dos injustos cruéis a tábida carniça!

«Vamos tornar «Brasil» a nossa Terra grande!
— disseram — TU SERÁS, JESUS, NOSSO MESSIAS,
NÃO PREGADO NA CRUZ, MAS SENTADO NO TRONO,
de modo que desabe essa democracia
que, conquanto em rebombo a voz de justa expande,
tripudia ao valor das multidões bravias
que concebem a esprança — a tal soberania,
só na véspera, só, das falsas eleições.

«Há divórcio entre o Mando e os humildes plebeus.
O orgulho do Poder não desce às classes pobres,
não sofre co pequeno e todos filhos seus.
É por isso que o povo em tantas iras cresce
e odeia a autoridade e aos seus filhotes «nobres».

«Vêde a Amazónia toda abandonada e triste!
Vêde o bravo Nordeste a soluçar faminto!

Vêde o sertão sem fé, sem saúde e justiça!
Oh Deus! A autoridade acaso ainda existe?!
Há estranhos dominando a nós com baixo intuito,
com judaísmo infame em bancos, monopólios
e algumas concessões ainda não tomadas!
Oh Céus! A autoridade acaso ainda existe?!
Que é que se espera mais para tirar os solhos
a todos êsses males?!

«O povo tem direito à justiça dos reis:
Deus que é fonte do Estado assim deseja as leis.

«Satisfaze, ó Jesus, a ânsia dos patriotas!
Clama, dirige, fala, aponta-lhes as rotas!

«Devemos fundar já o Missionário Império?!
Teu Verbo é criador: ó hom Jesus, profere-o!

«Ó Jesus, salvador, baixe da tua fronte
uma réstia do sol da pura liberdade
que garanta o direito a quem fale a verdade
e mande ao calabouço os falsos e o bífrente!
Oh! sim, gloriosamente a Justiça desponde!»

E eu ouvi:

«Muito bem! tirai fora as espadas,
e não perzistam mais facções avacalhadas!

«Não temais! Vinde a nós! Caia a minha cabeça,
mas tende fé no ideal, não deixeis que esmoreça.

«Quando latais assim contra vis bandeirões,
tendes convosco o amor de todos Brasileiros.

«Famintos vós estais, e a fome é de Justiça:
assumi, pois, o gládio e sai para a liça!

«Recordai-vos, com fé, dos hércules da História,
e que também a vossa é igual à sua glória,
por-onde não queirais tornar-vos baixos réus,
de covardes manchando os paternaes troféus!

«Anchieta, Men de Sá, Poti, Henrique Dias,
Tiradentes e os mais, indicam-vos as vias.

«Vamos fazer as leis, vamos ditar justiça
que seja pura e nobre, enérgica e castiça!

«Preparai sem temor metralhas e canhões,
que é para bem da Pátria e o bem das multidões!

«É hipócrita e vilã essa bandida raça...
o que ela faz no oculto eu gritarei na praça!

Dos jornais assentai as fortes baterias,
patenteando do justo as grandes energias!

«Surge, legião de Deus: exulta, Vaticano,
que vamos restaurar todo o direito humano

«Não ouvís que estrondeja o clamor da metralha?
É o sinal da vitória, é o grito da batalha!»

VI

Foi instaurado o nosso Império. Continua a pregação
de Jesus. A revolta dos Bispos. Jesus defende o clero. A obra
construtiva dos instauradores.

Dois anos foram mais... Como o sol declinando,
foi-se a nossa missão pouco a pouco acabando.

ESPLLENDE MAJESTOSO O IMPÉRIO BRASILEIRO
SOB A BÊNÇÃO POMPAL DOS RAIOS DO CRUZEIRO!

... E fomos com Jesus a pregar pelos montes
donde se goza o azul dos limpos horizontes.

E, sentadas na relva, as multidões ouviam
as palavras de amor que dos lábios fluíam
co'a doçura do mel, inda que às vezes, fortes,
as idéias do Cristo haviam tais transportes
de furor, que aquel' povo alucinava sonso;
pois, após crer ouvir o meigo sanhaço,
sentia tropejar o horror da Paulo - Afonso
e a borrasca brutal da tremenda Iguaçú.

Mas o nosso *Senhor* tinha um olhar celeste.
As vezes, sombreando aquelas rugas lívidas,
uma tristeza morna indicava incontestemente
uma saudade funda, uma dor muito agreste,
seguidas logo após de umas chamas tão vividas
no olhar, naquele olhar, triste olhar de exilado,

" Não é! não é Jesus! " — uns bispos apregoavam,
dizendo que heresia em seu falar notavam.
Mas ninguém perguntava, e eu cria, cria tanto,
pois não tinha ambição, era bondoso e santo,
irrepreensível era e me inspirava encanto,
e os seus olhos também prendiam, fascinavam,
todo o seu desapêgo e amor de almas mostravam.

Surge disputa um dia entre o povo que o ouvia
e ele assim anulou da discussão os vícios;
— " Padres, freiras, ateus, maometanos, quem quer,
todos que vêm lutar junto aos nossos patricios,
cumpra saberem bem que *estamos no Brasil*
e que o Nacionalismo é formal e requer
ser soberano este Caráter Nacional,
tão livre como a Cruz do nosso céu de anil,
livre como o jaguar no fundo florestal.
Sêde cristãos, porém; evitai todo o mal.

" Venerai, com amor, as fronte tonsuradas,
que Deus castiga irento os que ultrajam seus cristos...
Seus nobres corações,
sua voz, sua pena, e até suas espadas,
desde Anchieta até hoje, apontam-vos ciência,
heroísmo e sacrifício, e a justiça e o direito.
Do bom Nacionalismo amaram toda a essência,
contra o gládio e a heresia e todo adverso peito.
Se algum dêles, aliás, negar tais predicados,
os Cânones o têm... "

No povo houve um rumor: havia uns descontentes,
mas *Jesus* insistiu com palavras ardentes
para bem da Missão que ao Império cumpria,
para o bem do Brasil e não da minoria.
« Quero, para o Brasil, a verdadeira Crença
que, no Papa, Deus rege em toda a terra imensa ».

Sofreu muito *Jesus*, mas era tão paciente!
E prégava, e prégava, e com que voz tão doce!
Fôra os bispos, cardiais, muitos a si ele trouxe,
e eram felizes sempre, a ouvir-lhe a fala ardente.

Sim! porque ele era bom, ensinava o trabalho,
não desprezava a mente, ele acolhia o esforço,
abraçava os *fils*, não tirava desfôrço,
por viagancinha má não usava alto ralho.
Ensinou-nos a ser deveras Brasileiros
côscios de uma missão pelos mundos inteiros.

Sem crassa estupidez e sem de orgulho a traça,
valorizou de-facto a nossa forte Raça.

Vergastou a soberba! Ela é que, nesta Terra,
neutralizara o bem, muito do bom que encerra.
A soberba — a megera! — espancava os valores
e altares levantava aos prevaricadores!...
Co exclusivismo seu, nos aumentava as dores;
ria da côr, dos bons, dos grandes corações,
levando ao principado imbecis e mandões!...
Louco era e visionário o que tinha um programa:
e ela ria do « louco »... e punha-se na cama!
Incapaz de mostrar o seu nacionalismo,
os que o iam fazer mandava ao ostracismo!

Tudo isso se acabou, prégando-nos *Jesus*:
HÁ VIRTUDE FELIZ NESTE IMPÉRIO DA CRUZ.

VII

Uma pátria feliz. Religião triunfante. A última préguação de *Jesus*. De como apareceu uma criança divina para desencantar o povo. Desfêcho da missão do admirável Fantasma.

Sob o auspicio feliz de uma Justiça grande,
toda a fôrça genial se desenvolve e expande.

Ja já pela imprensa uma grande celeuma
sôbre o suave *Jesus*
até que enfim, um dia, aconteceu um facto
— de uma enorme alegria o desenlace ingrato.

(Mas não havia mais a dor do mal antigo,
pois tudo que era injusto, a morte deu-lhe abrigo.
Sentia o Brasileiro estar em seu País!!!
Calou-se a exploração das Religiões do " Norte "
que não dolarizou o orgulho dos Brasis,
por mais que o procurasse o negociismo forte
que esbarrou co vigor de orgulhos varonis).

Era fulgúreo o céu, de nuvens purpurinas,
quando o sol descambava e a noite se anunciava.
Cantava no arvoredo a alegre passarada,
quando insetos da noite ensaiam notas finas,
e a gente cai pensando em cisma aprofundada,
manejando a saudade a sua aguda clava.

Jesus prégava ao povo, ôle, o bom salvador,
que restituiu à Patria e ao Povo o resplendor.

Havia em seu olhar algo de nostalgia,
uma acendida dor,
funda melancolia.

Eis, porém, que, da massa, uma criança loura
que tinha um quê de excelso, um tanto de divino,
gentil sobe do morro a escarpa verdejante
com sorriso de luz no lábio purpúreo,
e, beirando-se atenta ao *Cristo* avassalante
do Povo, diz singela ao que prêga a vindouira
glória e que já ganhou a terrena vitória:

—“OUVE! DIZE-ME, Ó MESTRE, Ó MEU SÁBIO SENHOR,
ÉS TU DE FACTO O REI DO CELESTE ISRAEL?
TENS MISSÃO CELESTIAL? ÉS CRIADOR DOS ASTROS
E ÉS INIMIGO ATROZ DO PÉRFIDO LUSBEL?”

Jesus calou. A Multidão pasmou de assombros.
Quem é essa criança
que duvida do pai de toda a nossa esperança
e, *flagelo dos maus*, pisou nos seus escombros?!

Jesus, que sempre fôra a calma e a mansidão,
fez, então, espantar-se a fiel multidão.

Treme, freme e se estorce, ira-se e se esbraveja,
delira, estorce o corpo e relampeja
na treva já nascente os olhos vitreos.
Quer ter sossego: já não pode. Tenta
esboçar, como sempre, almo sorriso,
mas a pergunta fria o atormenta;
e, por mais que se ensaie um rosto liso,
não no consegue o trabalho que faz.

Dá na treva, afinal, gargalhada satânica:
Mostra-se todo em fogo; e a feia gargalhada,
cheia de raiva, irosa, estoura escancarada, —
sarcástico estridor de vencido; e, vulcânica,
a risada ecoou num estrondo mordaz...
A multidão tremeu:

ÉLE ERA SATANÁS! ...

Conceição dos Guarulhos, Março de 1924

ALVARO VEIGAS DOS SANTOS

Programa do Patrianovismo

I. CREDO — Privilegio do Catolicismo. Religião obrigatoria nas
escolas públicas, nos quartéis, institutos hospitalares e correcionais, etc.

II. MONARQUIA — Imperador responsavel que reine e governe,
escolhendo livremente os seus ministros. Base municipal sindicalista da
organização do Estado Imperial. Direitos majestaticos da Dinastia Na-
cional, aclamada pela Nação no fundador politico da Patria Imperial
Brasileira, D. Pedro I, e agora representada por sua S. A. I Dom Pedro
Henrique.

III. PATRIA E RAÇA BRASILEIRA — Afirmação da Patria Impe-
rial Brasileira; sua valorização espiritual (religiosa, intelectual e moral),
fisica e economica. Afirmação da Raça Brasileira em todos os seus
elementos tradicionais e novos-integrados (filhos de estrangeiros). So-
lução séria e definitiva do problema negro-indio-sertanejo. Formação e
valorização fisica, intelectual e religioso-moral nacionalista da Raça
Brasileira. Definição da situação do estrangeiro dentro do Imperio ins-
taurado. Renção contra todas as formas do IMPERIALISMO ESTRAN-
GEIRO no Brasil.

IV. NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA — Divisão do País em
provincias menores, puramente administrativas. Educação obrigatoria es-
pecial contra o espirito regionalista e intensificação do amor á cidade
natal ou municipio, célula da Patria Imperial.

V. ORGANIZAÇÃO SINDICAL das classes profissionais de pro-
dução espiritual (religiosa, moral e intelectual) e economica; clero, ma-
gisterio, artes liberais, artes mecanicas, agricultura, comercio e in-
dustria nacionais, e outras como base da verdadeira representação na-
cional.

VI. CAPITAL NO CENTRO DO IMPERIO.

VII. POLITICA INTERNACIONAL NACIONALISTA ALTIMA E
CRISTÃ.

ENTENDIMENTO ESPECIAL IBERO-AMERICANISTA.

DO MESMO AUTOR

"OS FILHOS DA CABANA", Livr. Salesiana, 1921-23.

"AMAR... E AMAR DEPOIS", Livr. A. Campos. 1923. Exgotado.

"O CARNAVAL". 1925. Exgotado.

"O BALSAMO DAS DORES" (tradução). Ed. "Ave-Maria". 1926.

"CONTRA A CORRENTE" Edição *Pátria-Nova*. 1931.

Em preparação "CONTRA OS BARBROS". Ed. *Pátria-Nova*.

AOS CURIOSOS

Este poema, que a minha cisma deixou escondido por muito tempo, foi lido a um grupo de amigos na cidade de N.ª S.ª da Conceição dos Guarulhos em julho de 1924, prometido na capa do nosso poema «O Carnaval» publicado em 1925, manuscado por vários amigos íntimos e, finalmente, recitado em sessão especial do Centro de Estudos da Congregação Mariana de Sta. Ifigênia, perante regular assistência, em fevereiro dêste ano de 1932.

O AUTOR